ANNO XXV PORTO, 15 DE MAIO DE 1903 NUMERO 10

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

Santa Tecla, Virgem e Martyr

Artigo politico

O actual ministro das obras publicas entendeu, e com razão, que, apezar de termos iniciado os nossos caminhos de ferro ha cerca de cincoenta annos, ainda estavamos muito longe de attingir a rede completa da nossa vias ferreas, e trata, por isso de activar os trabalhos para o conseguir o mais rapidamente possivel.

No entretanto os jornaes progressistas estão sempre a levantar balelas, dando constantemente o ministerio em crise, e elle sempre prompto á primeira voz a dar noticias suas, dando-se de perfeita saude e prompto a aturar as invectivas das camaras, ainda na proxima legislatura de 1904.

Coisas dos partidos rotativos sempre em lucta nas gazetas, mas muito unidos e amigos quando se trata de questões particulares, em que elles tenham de intervir.

O snr. João Franco tem agora centro politico, fundou jornal diario, que é o *Jornal da Noite*, que os seus amigos dão como muito bem escripto e ainda melhor informado, e trata de fazer negaças aos partidos tanto rotativos como extra-rotativos, dizendo-se estar elle só talhado para o salvador de Roma.

Não se sabe, porem, o que El-rei pensa de tudo isto, se é que Sua Magestade liga alguma attenção a certas questões rançosas que costumam attrahir as boas graças dos politicos e impoliticos que abundam por esse paiz fora.

Sabe-se apenas, que, tendo adoecido o snr. conselheiro Jacintho Candido, prestigioso chefe do partido nacionalista, Sua Magestade houve por bem telegraphar á familia, pedindo com instancia e sollicitude noticias do illustre enfermo.

Seria sollicitude politica? Nada podemos dizer, porque nada sabemos a esse respeito. Para nós, que não somos palacianos, nunca chegam noticias que nos digam o que se passa nos paços reaes.

Para nós é ponto de fé que este governo ainda se conserva o resto do anno de 1903, seguindo-se depois no poder o partido a quem Sua Magestade houver por bem chamar aos conselhos da corôa. E a prova de que não cae por emquanto, dão-a os jornaes, dizendo que a doença da esposa do presidente do conselho o obriga a ir passar um mez ao estrangeiro, ficando interinamente com a presidencia o snr. ministro da fazenda.

Ora se o ministerio tivesse de cair breve, não aproveitava esta occasião para o fazer? O fallecido conselheiro Fontes apresentou um dia a El-rei a demissão colectiva do ministerio, a que presidia, porque elle sentira uma dor de dentes a flagelal o!

A. P. A.

CONTROVERSIAS

Os Jesuitas e as Ambições

XI

O Marquez de Pombal deveu aos jesuitas a sua elevação ao ministerio.

Havia estado em Londres, como representante de Portugal, mas pouco mais fez na côrte da Gran-Bretanha, do que enviar umas simples correspondencias para o nosso governo, escrever uma dissertação ácerca do commercio e assistir a alguns actos, a que era obrigado pelas leis da etiqueta.

Caíu no desagrado de D. João V e tratou de ganhar a amizade dos Padres da Companhia de Jesus. Com elles entretinha á noite longas palestras, lamentando a propria desdita, queixando-se da sorte e dos perseguidores e apresentando planos de reformas, favoraveis á religião, á patria e á mesma Companhia.

Dizia-lhes, que muito desejaria, que um dos seus filhos houvesse de entrar para jesuita e que egualmente desejava ser util e prestar serviços a tal corporação.

Estas demonstrações iam augmentando, á maneira que se dizia, que a morte de D. João V estava proxima.

Este monarcha falleceu em 31 de Julho de 1750.

*

E os jesuitas, apesar de sabios e astutos, cairam no laço, que lhes estava armando o então simples Sebastião José de Carvalho e Mello.

Elles eram os confessores e os directores espirituaes da familia real. Tinham constante e franca entrada no Paço e, por todas estas circunstancias, não poucas vezes eram consultados ácerca dos negocios publicos, davam os seus pareceres e eram ouvidos, como auctorisados, nos assumptos mais serios e melindrosos.

Lembraram a D. José I, filho e successor d'aquelle monarcha, a escolha de tal amigo para ministro.

D. José não queria attender ás insinuações dos Jesuitas, porque bem sabia, que Sebastião José não tinha merecimentos, que o recommendassem para tão elevado cargo, e que, quando havia estado em Vienna de Austria, não prestrou mais serviços, do que quando estivera em Londres.

Os Jesuitas então recorreram á mãe de D. José e este, accedendo aos pedidos maternos, nomeou Sebastião de Carvalho para ministro dos negocios estrangeiros e nomeou Diogo de Mendonça Corte-Real, para ministro da marinha e ultramar. Pedro da Motta, que já era ministro do Reino no tempo de D. João V, continuou exercendo esse logar, ainda no Reinado de José I.

Falleceu pouco depois, e Sebastião de Carvalho tratou de ficar no logar d'aquelle ministro, o que não foi difficil, ficando D. Luiz da Cunha Manuel (o Cardeal Cunha) com a pasta dos negocios estrangeiros.

A rainha viuva (D. Maria Anna da Austria) continuou sempre a proteger o então futuro Marquez de Pombal. E fazia-o não só pelos rogos dos Jesuitas, mas principalmente, por aquelle individuo haver casado com D. Leonor Ernestina, condessa de Daun, quando estivera em Vienna da Austria.

D. Leonor era austriaca e pela sua nacionalidade havia adquirido a protecção da esposa de D. João V.

Esta falleceu em 14 de Agosto de 1754 e logo, por motivos particulares Sebastião de Carvalho, começou a decair das graças do soberano.

Então valeram-lhe os Jesuitas, especialmente o Padre Francisco de Portugal (parente dos Marquezes de Valença) e muito mais o Padre José Moreira, confessor do mesmo soberano e que já o havia sido, quando D. José ainda era Principe.

Apesar de tudo isso, o ministro, longe de proteger os que até ahi haviam sido os seus protectores, tornou-se d'elles um figadal inimigo e procurava pretextos para os tornar odiosos aos olhos do Rei e dos Cortezãos e do Povo.

Fingiu, que elles eram inimigos das outras corporações monasticas, para estas egualmente os odiarem e fez crer ás mesmas corporações, que havia de protegel-as, como se fossem tão dignas de protecção, quanto os jesuitas eram dignos de severos castigos pelos abusos, que iam commetendo e pelos erros, de que eram causadores contra as doutrinas da Egreja.

Tratou de affastar da côrte os membros da Companhia de Jesus. E, para dissolver esta congregação, apresentava argumentos mais ou menos especiosos.

Fez acreditar, que os jesuitas possuiam grandes riquezas e vastos territorios, ferteis e muito productivos, e que

tudo isso era effeito de latrocinios e de delapidações escandalosas.

*

O governo portuguez, ainda no Reinado de D. João V, tratou de effeituar um contrato com a Hespanha, cedendo a esta vastissimos terrenos, todos regados e productivos e recebendo, em troca, outros, que tinham fama de conterem grandes veias de preciosos metaes.

Os jesuitas mostraram, que tal contracto era de um grande prejuiso para o nosso paiz, porque a extracção dos metaes seria despendiosa e os lucros seriam incertos, e que os terrenos, ferteis em minas, ficariam inuteis, depois que estas se explorassem e essa exploração não poderia ser permanente; e que os terrenos ferteis continuariam sempre com a sua fertilidade, ainda que precisassem de cultura.

E mais tarde a experiencia mostrou, que os Jesuitas não se enganavam nos seus calculos e nas suas prophecias. E, alem d'isso, reconheceram, que as condicções do contracto eram devantajosas para Portugal e tão prejudiciaes para os habitadores dos terrenos, cedidos á Hespanha, como para os habitadores dos terrenos, que a Portugal cedia a nação visinha.

Aquelles individuos nada poderiam levar dos seus haveres, se não quizessem ficar sob a bandeira hespanhola; os outros ficavam, em sentido contrario, em condicções favoraveis, mas permanecendo, teriam, de sujeitar-se, como escravos, ao improbo trabalho das minas.

Nos terrenos, que Portugal deveria ceder á Hespanha, os Jesuitas, que eram considerados subditos portuguezes, tinham algumas casas de missão, escholas, templos, seminarios, estabelecimentos agricolas e de ensino de artes liberaes e mechanicas.

Leccionavam, instruiam e cathechisavam os indios, habitadores d'esses territorios, e, se muitas porções dos muitissimos territorios estavam cultivadas, era isso devido aos trabalhos dos cathechisados e instruidos sob a direcção dos mesmos Padres.

Estes eram obrigados a sairem, mas nem queriam abandonar os indios nem os resultados dos esforços, empregados ali durante quasi dois seculos.

Começou, pois, a espalhar-se a fama, de que os Jesuitas possuiam na America fabulosas riquezas, roubadas por diversas maneiras; que desejavam lá fundar uma nação, exclusivamente sua, independente, um estado, governado por elles; e que os povos d'aquellas regiões estavam tão fanatisados, que nem queriam abandonar os Jesuitas, nem queriam sujeitar-se a qualquer nação, nem ir para os territorios, que, em virtude do tal contrato, ficariam sob a jurisdicção do governo portuguez.

Nos territorios, que a Hespanha deveria ceder a Portugal, tambem os Jesuitas tinham eguaes estabelecimentos, religiosos, escholares e agricolas, o que era devido aos seus grandes e persistentes esforços, e ás sympathias, que os mesmos Padres inspiravam aos indigenas.

Por isso lhes custava o verem estes sujeitarem-se a trabalhos perigosos, e mais para satisfação de ambições e luxuosas grandezas, do que para beneficio das subsistencias.

D'isto resultou a fama, de que os Jesuitas queriam para elles unicamente as riquezas mineiras, a respeito das quaes se contavam coisas tão fabulosas, que pareciam inverosimeis.

Apesar dos esforços dos Jesuitas e dos habitadores de uns e outros territorios, em 13 de Janeiro de 1750 foi celebrado um contrato, pelo qual Portugal cedia á Hespanha a Colonia do Sacramento, cujo terreno era fertil e constantemente regado por caudalosos rios; e ficava com os terrenos do Uruguay, onde se acreditava, que existiam as minas de ouro e prata em grande abundancia.

Em 17 de Janeiro de 1751, quando o Marquez de Pombal já era ministro, foi regulamentado esse contrato.

Mas ninguem queria abandonar os territorios, que habitava, nem sujeitar-se ás imposições do contrato, do que resultou uma constante serie de desordens, insubordinações e revoltas e tudo isso era attribuido á influencia dos Jesuitas.

Em 1755 o Marquez de Pombal tratou de levar a effeito a extincção dos Jesuitas e por todos os modos tratou de desacreditál os, porque só elle queria dominar, só elle queria governar e não queria o menor obstaculo aos seus planos.

Estavam estes já formados para aquella extincção, quando succedeu no primeiro de novembro o terremoto, que destruiu uma grande parte da cidade de Lisboa e ainda causou prejuizos em differentes terras, especialmente nas que ficam ao sul da capital.

Os Jesuitas prestaram então grandes serviços, accudindo aos doentes e aos feridos, auxiliando os outros regulares nos enterros e nos desentulhos, dando comestiveis e improvisando habitações, para se recolherem as familias, que ficaram sem ellas.

Então o Marquez entendeu, que não seria prudente dar o golpe fatal, que projectava. Como o animal felino, que maliciosamente esconde as unhas, para com mais força poder craval-as na victima, que pretende dilacerar, assim o ministro esperou occasião mais propicia, para effeituar o seu plano, continuando sempre a arranjar pretextos e a apontar os Jesuitas como causa primaria de todas as demonstrações de desagrado ás medidas do governo.

Por isso attribuia-lhes a causa da revolta, que, em 1757, se effeituou no Porto, contra a instalação da Companhia dos Vinhos. E, como ainda assim, nada poude conseguir, apontou-os como cumplices do attentado, (fingido ou verdadeiro) contra a pessoa do Rei na noite de 3 de Setembro do anno immediato.

Essa tentativa de regicidio é uma historia muito complicada e que será tratada em capitulo especial. O assumpto assim o pede e não convem alongar muito mais o capitulo presente.

*

* *

O Ministro, (ainda antes do terremoto) mandou o irmão, Francisco Xavier de Carvalho, como governador geral ao Maranhão, não só para elle executar a extipulação do contrato, de que se tem fallado, mas principalmente para de lá mandar, a respeito dos Jesuitas, informações, que os comprometessem, como era mister aos planos da extincção.

Começou Francisco Xavier a mandar taes informações, já combinadas com o irmão, que por ellas se deveria suppor, que os Jesuitas eram os maiores criminosos do mundo.

E assim convinha fazer acreditar.

O monarcha parece, que achou exageradas aquellas informações e, por isso e a occultas, mandou ao Maranhão o Desembargador Lucas Bletrão de Seabra, a fim de descobrir a verdade e devassar ácerca dos actos do governador.

Depois da devassa, em que depozeram testemunhas respeitaveis, reconheceu-se, que os Jesuitas eram menos culpados, do que se dizia e que estavam innocentes das accusações, que lhes fazia Francisco Xavier de Mendonça.

O Desembargador Beltrão voltou a Lisboa e, antes de fallar com El-Rei, deixou-se levar pelas ameaças e promessas de Sebastião de Carvalho e mostrou a este todo o processo.

O ministro substituiu umas por outras folhas, que eram favoraveis aos seus planos e substituiu documentos

verdadeiros por outros falsos, mais favoraveis á reputação do irmão.

O Desembargador foi chamado á presença de El-Rei, que lhe exprobou a infidelidade e lhe voltou as costas.

Beltrão chegou a casa e morreu, victimado por uma apoplexia. Era o pae do tam conhecido José de Seabra e Silva.

E D. José, tão subjugado tinha o animo, que não teve a coragem de demitir o ministro, nem de o mandar processar pelo crime de falsificador de documentos e de ter subtraido folhas d'um processo importante!

*

Os povos dos territorios americanos, a respeito dos quaes se tinha feito o contrato, de que se tem fallado continuaram sempre em desordens e constantes desobediencias.

Os Jesuitas haviam aportado á Bahia em Março de 1549 e foram elles os primeiros missionarios, que, no Brazil tiveram os Indios.

Depois foram-se espalhando por diversas partes d'aquella vastissima região, e evangelisaram os povos de muitas provincias, taes como Espirito Santo, Pernambuco, S. Paulo, e Rio de Janeiro, e mais tarde estabeleceram missões no Paraguay, no Uruguay, no Rio Negro e n'outros territorios.

E, emquanto d'ahi não foram expulsos, fizeram respeitar as bandeiras portugueza e hespanhola, a cujas nacionalidades estavam respectivamente sujeitos os povos d'aquelles territorios. Em 12 de Fevereiro de 1761, isto é, dois annos depois da expulsão dos Jesuitas, foi celebrado um contrato, pelo qual se annulava o que, ácerca da troca dos territorios, havia sido feito em 13 de Janeiro de 1750 e em 17 de egual mez do anno seguinte.

Já se vê, que este contracto nem agradou aos indigenas nem ás nações da Peninsula iberica.

Dizia-se, que os Jesuitas eram os causadores de todos os males.

E, no emtanto, em 29 de Outubro de 1762, Portugal perdeu, e com bastante ignominia, a colonia do Sacramento e não tardou muito, sem que a Hespanha fosse perdendo não só os territorios de Uruguay, mas todos os outros, que possuia n'aquellas paragens do Novo Mundo.

Parece, que foi castigo da Providencia, como consequencia fatal da expulsão dos Padres da Companhia de Jesus. Não ousamos, no emtanto, affirmal-o, positivamente, para que se não diga, que argumentamos com o: *Post hoc, ergo propter hoc.*

UM CATHOLICO.

O verdadeiro progresso

«Ha homens, diz o Padre Felix, que se intitulam pensadores, mas que seria melhor appellidal-os visionarios, que imaginaram, para explicar o progresso da humanidade, uma traça mui curiosa e principalmente mui commoda.. A humanidade exalça-se, por que traz em seu seio o que elles engenhosamente chamam-a força progressiva.»

E sem explicarem em que consiste essa força, por ella explicam todos os progressos da humanidade, como se tractasse d'uma simples planta que, procurando o sol, vae crescendo á lei da sua natureza!..

Mas esta observação philosophica não pode de modo algum explicar o progresso do homem, a cujo desenvolvimento preside uma lei, que lhe é propria.

O homem é intelligente e livre, deve pois desenvolver-se pela intelligencia e pela liberdade; é tambem social, por isso ao seu desenvolvimento deve presidir a acção combinada da sua liberdade com o bem da sociedade. Precisa de ser educado.

Esse desenvolvimento, esse progresso jámais será em harmonia com a vontade de Deus, se não tiver por base as sanctas doutrinas do christianismo.

O verdadeiro progresso deve pois fundar-se na educação christã, que exercerá sempre a sua salutar influencia em todos os actos da vida do homem.

O progresso é o homem, que se melhora, que se engrandece, pelo aperfeiçoamento exterior do espirito. E' o augmento do valor humano, diz o Padre Felix.

*

* *

Muitos espiritos superficiaes intendem por progresso, só os melhoramentos materiaes: o vapor applicado aos caminhos de ferro, atravessando os continentes, com a sua juba de fumo, fendendo os ares; o vapor applicado á navegação, movendo esses monstros de ferro atravez dos mares, levando-os ás mais remotas paragens; o telegrapho electrico, o telephone, o telegrapho sem fios, a locomotiva electrica, o phonographo, sem fallar nesses inventos diabolicos que a sciencia humana tem imaginado, para dar cabo da humanidade.

Tudo isto são prodigios da intelligencia humana, que assombram o mundo; mas apar de todo esse progresso material, pode existir e existe uma espantosa barbaria moral, quando as nações e os individuos, nas suas relações internacionaes e individuaes, não observam as leis da justiça e da equidade. Não pode existir progresso moral entre as nações, emquanto estas dicidirem suas contendas a tiros de canhão e estiver pendente sobre os povos, essa calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que ou se não padeça ou se não tema, nem bem que seja proprio e seguro, como definiu a guerra o grande Vieira.

Não póde haver progresso moral entre os individuos, emquanto entre elles reinar a barbarie, o egoismo, a ambição, o despreso dos mais rudimentares principios da equidade e da justiça, exercendo vinganças, alimentando odios, calcando aos pés os direitos dos nossos similhantes e procurando fazer lhes todo o detrimento, tanto na honra, como na fazenda...

Não pode haver progresso moral, emquanto entre as nações não fôr ouvida a voz da justiça, respeitando-se os direitos de todos, e não se consentindo que os fortes espesinhem os fracos: em quanto, entre os individuos não reinar a caridade e a justiça, soffrendo-nos uns aos outros, e dando a cada um o que é seu: em quanto finalmente Jesus Christo não reinar no mundo, de modo que pelas suas leis sejam reguladas as acções dos governos e dos individuos.

Só então haverá verdadeiro progresso—o progresso pelo Christianismo.....

*

* *

Este só existirá, quando a educação christã, ensinando ás gerações as verdadeiras doutrinas de Jesus Christo, depositar nas almas os sentimentos nobres e elevados, que só ella, a educação christã, sabe e pode gravar no coração do homem.

Então as nações, governadas por estadistas christãos, subtrahidos á funesta influencia de agentes perniciosos, regularão suas relações internacionaes pelas leis da justiça, e comporão suas desavenças, sem derramamento de sangue.

Assim caminhará o progresso moral apar do material, e a felicidade e bem estar dos povos não serão uma aspiração nobre, mas uma realidade palpavel.

Então os individuos, nas suas relações com Deus, cum-

prirão todos os deveres de piedade, obedecendo-lhe, como Supremo Senhor e Regulador do Universo; nas relações com seus similhantes, observarão os preceitos da justiça commutativa, em harmonia com as douctrinas do Divino Legislador; e nas relações comsigo mesmo, procurarão combater suas paixões desregradas, extirpar seus defeitos, aperfeiçoar seus naturaes sentimentos e adquirir todas as virtudes....

Então acabar-se-hão as luctas entre patrões e operarios. Aquelles olharão estes, como seus proprios filhos, e proporcionar-lhes-hão todas as regalias justas e possiveis: estes, olhando aquelles, como seus paes e protectores, como taes os amarão, estabelecer-se-ha entre elles a homogeneidade de sentimentos e aspirações nobres, e terá fim essa lucta constante, que entre elles existe, e só serve para alimentar odios, acariciar vinganças, prejudicar a todos, e servir os ambiciosos e malignos projectos dos jurados inimigos de Deus e da sociedade. Quanto mais nos formos aproximando d'esse ideal feliz, mais irá progredindo moralmente a humanidade. O progresso christão, o progresso segundo Deus, o progresso nas almas, nas consciencias, o progresso pelo Christianismo, irá dominando os povos, e transformará inteiramente a sociedade, aproximando-a de Deus e fazendo-a entrar na vereda do bem.

Que o reinado de Jesus Christo se estabeleça em todo o mundo e em todas as consciencias; que o progresso da humanidade seja regulado pelas doutrinas do Catholicismo, e que a soberba do mundo seja vencida pela humildade christã—eis os desejos e aspirações de todo o christão sincero, amante de Deus e da humanidade.

José Victorino Pinto de Carvalho,
Abbade de Mancellos.

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Maio
15
1903

Faz 411 annos que foi fundado em Lisboa o Hospital Real de Todos os Santos, no reinado de D. João II, em 1492.

Era um vasto edificio, situado onde está actualmente a praça da Figueira, em Lisboa, tendo a fachada principal para o Rocio (Praça de D. Pedro). Era um magnifico edificio, tendo 16 enfermarias, diversas dependencias, comportando ao todo 324 camas.

Em 27 d'outubro de 1601 soffreu um grande incendio, que reduziu a egreja a cinzas. Redificado por D. João V, soffreu novo incendio em 10 d'agosto de 1750, escapando apenas a enfermaria chamada de S. Camillo.

Estavam já mui adiantadas as obras da reedificação, quando o horrivel terramoto de 1755 o destruiu completamente.

Foi então que se converteu em hospital o vastissimo collegio de Santo Antão, que hoje existe com a denominação de S. José, em honra do monarcha que decretou a sua applicação para tam caridoso fim.

—

Humorismos:

Bébé á sobremeza, molha o lenço no calix da genebra, e esfrega-o depois no rosto da boneca.

—Que estás a fazer?—pergunta a mamã.

—Estou a dar côr á minha boneca.

—Ora essa! Então a genebra é tinta, para tingir o rosto?

—Não diz a mamã, que o nariz vermelho do papá é devido ao uso da genebra?

*

Uma senhora foi visitar uma amiga mas não a encontrou em casa.

Como a creada dissesse, que a ama não podia demorar-se, a senhora entrou para a sala e esperou.

Os trastes estavam todos carregados de pó. Para se entreter, emquanto a senhora esperava pela amiga, foi escrevendo com o dedo sobre o pó, esta palavra: *porca*, em todos os moveis.

Como a amiga não voltasse, saiu a senhora, declarando que viria n'outro dia.

Oito dias depois voltou.

Estava então a amiga em casa.

—Bons dias, Amelia!—diz a recem-chegada. Ja aqui vim procurar-te ha dias e não estavas em casa.

—Eu já sabia que tinhas vindo.

—Como o soubeste?

—Porque deixaste o teu cartão de visita.

—

Notas de sciencia:

O dr. Schumburg, depois de ter estudado os diversos processos chimicos de purificar a agua, adopta especialmente o seguinte processo, que tem a vantagem de matar com certeza, em cinco minutos, os germens pathogenicos de uma agua, por mais impura que ella seja.

Deve-se ter preparado o seguinte soluto:

Bromo	21,90
Brometo de potassio.	20,00

Agua distillada, a sufficiente para completar 100 c. c.

Juntar-se 0,2 c. c. d'este soluto a cada litro d'agua suspeita. Ao fim de 5 minutos, separa-se o bromo, juntando uma pastilha que contem:

Sulfato de soda	0,95
Carbonato de soda secco.	0,04

Manita... (o suff. para uma pastilha).

Ao fim d'um ou dois minutos, teem desapparecido o sabor e o cheiro do bromo, podendo beber-se a agua.

—

Curiosidades:

Tem variado entre os varios povos, a moda de effectuar os funeraes.

Entre os israelitas, e principalmente entre os egypcios, enterrava-se a gente do povo, mas os grandes personagens eram embalsamados, e depositados em sepulchos.

Entre os primeiros, não assistiam os sacerdotes a algumas d'essas ceremonias, pois seria para elles uma baixesa. Entre os segundos, antes de se proceder aos funeraes, passava-se em revista a vida do defunto, afim de se certificarem, se elle merecia ser reunido aos seus antepassados, no mesmo logar da sepultura. Ficou proverbial a veneração dos egypcios pelos mortos: é attestada ainda pela existencia das pyramides e pelas mumias que se encontram nas necropoles.

Em Athenas e em Roma, observaram-se usos quasi identicos. O corpo d'um cidadão, era, depois da morte, entregue a pessoas que o perfumavam e embalsamavam. Exposto tres dias em Athenas, e oito dias em Roma, era depois transportado para fora da cidade, onde se levantava uma fogueira. O fogo era deitado pelos parentes mais chegados, que, depois de terminada a combustão, recolhiam as cinzas, ou as ossadas n'uma urna, e as depunham n'um tumulo.

Por occasião dos funeraes dos membros da aristocracia, desenvolvia-se em Roma a mais extraordinaria pompa: levavam-se no cortejo as imagens dos antepassados, e era pronunciada, do alto d'uma tribuna, uma oração funebre. Veja-se a *Eneida* de Virgilio canto VI. E' claro que isto não succedia senão com os ricos. Os pobres em Athenas eram quimados, sem honras funebres. Em Roma, havia escravos que roubavam os cadaveres, de noite, indo lançal-os uns sobre os outros, n'uma cisterna fora da cidade.

Pensamentos:

As recordações da patria são como as memorias de familia; teem o quer que é de saudoso e santo, que occupa suavemente as largas horas da solidão, que attenua muitas dôres do espirito, que povôa a alma de mais entes para amarmos, e que engrandece e avigora o sentimento de nacionalidade, suscitando, com as virtudes e façanhas dos nossos antepassados, o altivo e nobre desejo de imital-os.

(Silveira da Motta.)

A cabeça é o capitolio, com o seu senado omnipotente; tam senado e tam capitolio que até os reis e os deuses são ali feitos e desfeitos, julgados e sentenciados.

(Visconde de Castilho)

A lingua e a religião são as duas cadeias de brônze que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas ás presentes; e estes laços que se prolongam atravez das eras, são a patria.

(A. Herculano).

Sciencia e virtude são, em epilogo a nobreza verdadeira.

(Visconde de Castilho).

Caridade é um termo, assim como uma virtude, que pode ter equivalente.

D. Rodrigues de Bastos.

Bibliographia

Nunca é tarde para fallar de um bom livro. E no numero dos bons livros pertence o intitulado—*Resposta ao questionario sobre o ensino elementar*—do qual é auctor o primoroso escriptor o Ex.mo Snr. Antonio Jorge d'Almeida C. e Lemos Ferreira.

O livro mencionado é pequeno no formato, mas grande no merito.

Sim, é grande no merito, porque o illustre e douto escriptor tratou o assumpto depois de o ter estudado a fundo, tendo por norte a verdade.

De mais a mais o snr. Lemos Ferreira teve a louvavel franqueza de estampar no papel tudo o que sentia sem o minimo respeito humano e é talvez por isso que ha no seu livro opiniões, que á primeira vista parecem menos razoaveis, mas quem as meditar, tendo conhecimento dos factos concretos, com os quaes se relacionam e aos quaes se applicam, tel-as-á—parece-me—por muito conformes á razão.

Em todo o caso não é por uma ou outra opinião incidental, que se deve julgar o merito de um livro, mas sim pelo conjuncto das suas affirmações e pelas provas, que as apoiam.

Quando aquellas e estas teem por base a verdade e a justiça, o assumpto é interessante e a exposição clara e lucida, o livro é bom. Ora tal é o livro do snr. Lemos Ferreira.

Além d'isto o mencionado livro encanta pelo bello estylo e pela erudição variada do seu auctor; está impresso em bom papel e bom typo e revela uma revisão muito esmerada e distincta cooperação da parte dos typographos. Creio que não seria exagerado se disser que é um dos muitos primores, que teem saido da typographia do snr. José Fructuoso da Fonseca.

Desejo que o livro mencionado seja muito lido e deve sel-o.

Deve sel-o porque o assumpto versado é importantissimo e tractado por mão de mestre.

Além de lido deve ser propagado e recommendado. Ha obrigação de auxiliar a boa imprensa. Lembrem-se todos que a melhor herança que podem deixar a seus filhos ou parentes, depois da boa educação ou edificantes exemplos, são bons livros. E ao numero d'estes pertence, como já disse, aquelle de que acabo de occupar-me.

Padre Chrispim Caetano F. Tavares

COLLABORAÇÃO

Rosita

Tua fronte mimosa,
Teu labio de rosa
Para que me sorri?
Ai!... Assim d'um rôsto...
Pois olha: não gosto,
Mas gosto de ti.

Que face, pequena!
Se fosses morena,
Como uma, que eu vi. .
Teu cabello é loiro...
Não gosto d'esse oiro,
Mas gosto de ti.

E o lenço... é tão feio...
Não sabes? Eu sei-o.
Uma vez ouvi
Dizer ao papá:
«Que mal que lhe está!»
E gosto de ti?!

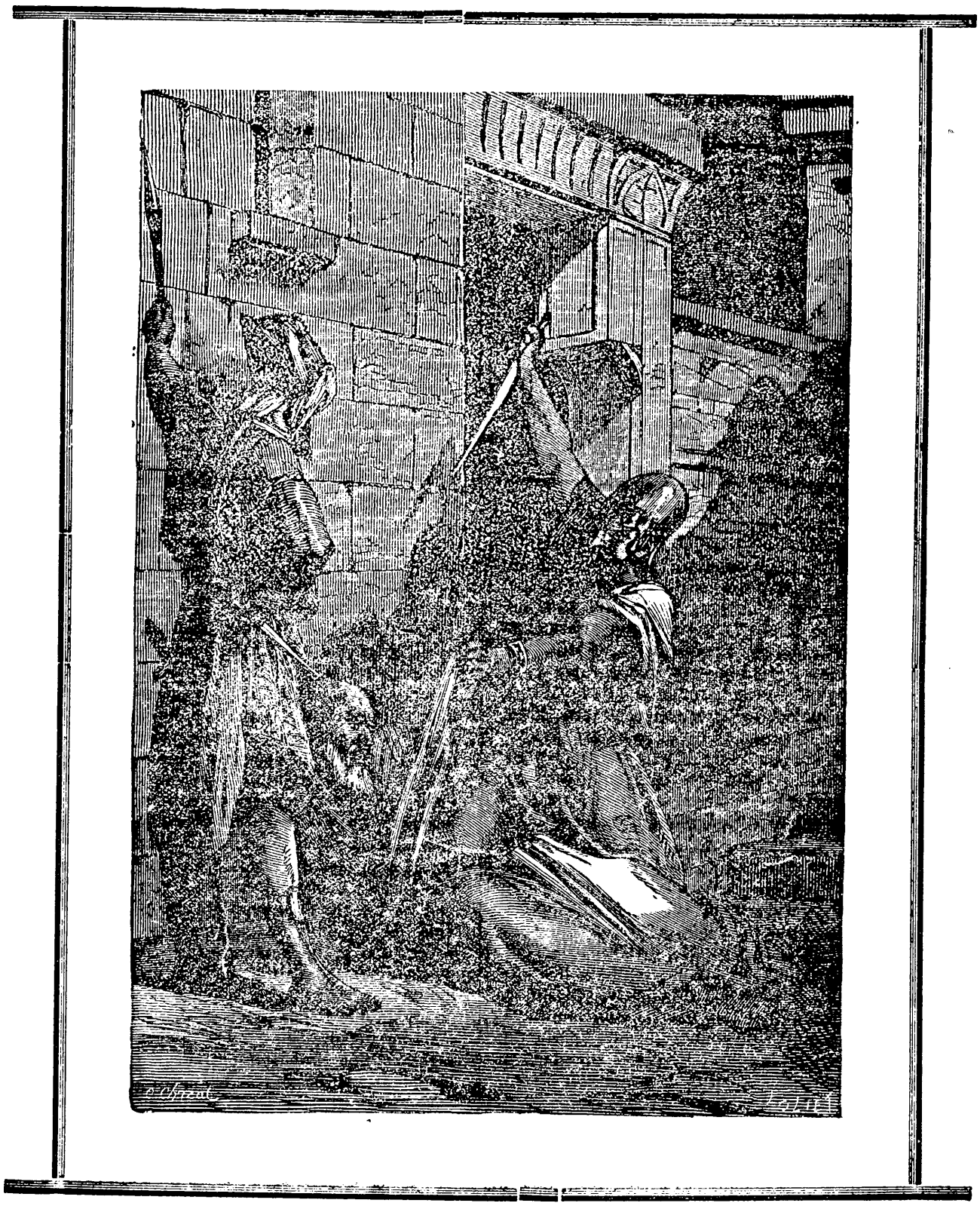
Nem eras bonita
Com o vestido de chita
Que, á missa, te vi.
D'elle não gostei...
Vê, pois! Nem eu sei,
Como gosto de ti!

Mas, oh, que expressão,
Tão feia, então
Nos olhos eu li!
Verdade, Rosita,
Não és bem bonita,
Mas gosto de ti.

Teu corpo bem feito...
Que graça! Que geito!
Outro assim não vi...
Ai, não gosto, não!
Que queres então?
Mas gosto de ti.

Se andas de gala,
Se brincas na sala...
Por aqui... por ali...
Teu andar, que exquisito!
Não é nada bonito,
Mas gosto de ti.

Ainda é mais formosa
Essa mariposa
Que aos prados sorri.
Verdade, Rosita,
Não és bem bonita,
Mas gosto de ti.



Assassinato d'Alexandre Bala

E' mais linda a aurora;
Mas tu... Olha agora!
Nenhuma assim vi.
E's feia!... E então,
Porque é, que razão,
Eu gosto de ti?

Bem sei. Tu repousas;
E, com estas cousas,
Não te entristeci...
Gentil, como as aves,
Vê lá se já sabes,
Porque gosto de ti...

Está bôa! Ora esta!
E's linda e modesta...
Estás séria?! Sorri!
Já sabes, ou não?
E' esta a razão,
Porque eu gosto de ti!

EVARISTO M. D'OLIVEIRA.

O mez de maio

Oh! bella e sorridente é a aurora dos dias de maio, como é encantadora a prece do devoto da mãe de Deus! Ha na vida do christão uma epocha principal que o enleia e arrebata de verdadeiro jubilo, embora as lagrimas lhe escaldem as faces e a dôr lhe esmague o coração: é quando junto de si tem um amigo verdadeiro e sincero que lhe suavise os gemidos e lhe dulcifique o pranto! Mas no mundo é difficil, senão impossivel, encontrar um amigo que nos comprehenda, n'essa epocha triste que todos atravessamos na vida. Porém no céo temos uma mãe carinhosa e desvelada que verdadeiramente nos ama, nos comprehende e nos suavisa o amarissimo pranto. Esta mãe é uma amiga que nos não trahe; e se as nossas dores são tão intensas que na vida não ha balsamo para ellas, Maria apontando-nos para seu coração alanceado com mil angustias, deixa-nos sorver um pouco da sua resignação e com ella minorar as nossas maguas.

Oh! como a nossa mãe do céo é boa, carinhosa e amiga para com seus filhos ainda os mais ingratos, como é a que lhe dedica estas linhas em preito d'amor e homenagem!! N'este mez formosissimo de maio, em que as rosas com seus aromas nos inebriam, as flores com seus perfumes nos encantam, as avezinhas dos espaços com seus trinados, nos arrebatam, os arroios fugitivos nos enlevam, os matizes dos prados nos diliciam e, toda, toda a natureza é um hymno que nos extasia, oh! sentimos ainda em nossa alma um vacuo immenso, que, apesar de tudo, não está prehenchido; que falta pois? Oh! falta a posse do summo bem, para o qual Deus nos creou e sem o qual não existe felicidade na vida.

Que valem os prazeres, as riquezas? nada absolutamente. Só a virtude é grande, só a virtude é bella, só a virtude ha de ter recompensa na eternidade, por Aquelle que veste o campo de flores, que recama o céo de saphiras e povoa as praias d'areias. Oh! corramos, corramos pressurosos diante do altar sagrado da Virgem, n'este primeiro dia do mez de maio, consagrado pela santa egreja á nossa mãe celeste e promettamos-lhe a seus pés com todas as veras da nossa alma, ir alli todos os dias offertar-lhe as primicias do nosso amor e gratidão. Respiguemos no prado arido do coração algumas flores especiaes e com ellas ornemos o altar da Virgem.

As rosas ainda que murchas dos nossos affectos depositadas aos nevados pés da Virgem que tiveram força para esmagar a serpente orgulhosa, reviverão de brilho e frescura. As violetas já quazi perdidas na nossa alma e abafadas com o cardo do orgulho desloquemol-as no coração da nossa divina mãe, que ella fará que, d'aquelle coração que foi o symbolo da humildade, ellas saiam intactas e puras como devem ser nossas intenções. Offereçamos tambem a Maria a açucena dorida manchada da nossa alma, que esta mãe pura com seus divinos olhares purificará as nodoas que a impanam e restituimol-a pura como Deus nol-a formou.

Todos, com puros affectos dediquemos á nossa excelsa soberana a nossa vida e coração.

E n'este mez, em que toda a natureza é um hymno á mãe de Deus, sejam as nossas preces sinceras, ferventes constantes e puras como são puros os aromas das flores e rociemol-as com uma fé viva e ardente para alcançar de Jesus e Maria feliz exito na devoção sympathica do mez de Maria.

M. M.

A QUESTÃO SOCIAL

O Congresso Operario

Não fallamos no nosso ultimo numero do «Congresso operario galaico-portugues» reunido este anno em Braga, porque dedicamos o respectivo artigo ao jubileu do trabalho, assumpto forçado d'esse numero, visto ser correspondente ao dia 1.º de maio, e mesmo porque, quando o jornal entrou na machina, ainda o congresso não havia encerrado as suas sessões.

Não podemos, porém, agora deixar de dizer alguma coisa, visto que faz parte do programma d'este jornal haver uma secção socialista, e porque temos em vista combater as manifestações e os programmas desarrasoados, quer elles partam dos patrões, quer partam dos operarios.

A vantagem que teem esses congressos, perfeitamente utopistas, servindo apenas para darem livre expansão aos desejos dos seus promotores, na verdade dignos de melhor sorte, vem expressa nas insuspeitas expressões da proposta appresentada na oitava sessão, pela Associação de classe dos distribuidores de jornaes do Porto.

Se este jornal não fôsse de tam limitadas dimensões, e podessemos dispor de espaço para maior artigo, copiariamos na integra essa proposta, que, comquanto tivesse servido de expôr a magoa que assiste aos signatarios por verem tam problematicos e tão affastados os seus desejos de reivindicações, diz ainda assim grande copia de verdades.

E já que fallamos n'esta sessão, sem duvida uma das mais importantes do congresso operario, vamos mencionar algumas das propostas ahi apresentadas, que mostram a inanidade das suas resoluções e apenas indicam o estado em que se encontram as pretensões operarias, na actualidade.

Eis as principaes propostas apresentadas:

Do snr. Benigno de Barros, para que as secções adherentes reclamem dos poderes constituidos o cumprimento das leis, sobre os incidentes no trabalho e a segurança nas construcções civis.

Da secção gallega para que haja congresso de 2 em 2 annos, para que se realisem excursões de propaganda associativa entre Portugal e Galliza, e para se realisar um comicio internacional contra o governo hespanhol por mandar soldados substituir os grevistas das grandes emprezas.

O delegado da classe dos refinadores de assucar do

Porto, para que o congresso peça ao governo para que os operarios não trabalhem mais do que 8 horas por dia.

Do snr. Joaquim Domingues Pinto para que se reclame dos governos uma lei que diplome as classes.

E do snr. Camillo d'Almeida para que o congresso reclame do governo se crie uma caixa geral de pensões para os operarios, administrada livremente pelas associações de classe.

De forma que, cada cabeça, cada parecer.

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

Santa Tecla, Virgem e Martyr

Nasceu esta illustre martyr, na cidade de Iconium, de paes illustres, mas gentios.

Um dia ouviu o apostolo S. Paulo a pregar aos habitantes d'essa cidade, e ficou logo rendida ás verdades do christianismo.

Haviam, porém, seus paes dado a sua palavra a um joven chamado Tamiro, de que a desposaria. Ella propria havia annuido. Mas querendo agora ser esposa de Jesus Christo, e conservar a sua virgindade, como havia recommendado o santo apostolo, recusou se a aceital-o por marido.

Interrogada pelos paes, ácerca dos motivos porque recusava o seu noivo, respondeu que era christã, e queria conservar-se esposa de Jesus. A mãe accusou-a então ao governador.

Fez este quanto pôde para a demover da sua resolução. Como, porém, nada obtivesse, condemnou-a a ser queimada n'uma fogueira, o que effectivamente se realisou nos principios do seculo segundo da era christã.

Jaz collocada, desde o dia 19 de maio de 1323, no altar de S. Fructuoso, na Sé de Tarragona.

Assassinato d'Alexandre Bala

Alexandre Bala, intitulando-se filho d'Antiocho Epiphanio, reclamou a corôa da Syria. Apoderou-se depois de Ptolemaida, e enviou uma embaixada a Jonathas, pedindo a sua alliança. Em seguida matou Demetrio Soter, seu rival, nomeando Jonathas, chefe e principe da Judeia.

Ha depois novas dissenções na Syria mas Jonathas conserva-se fiel a Alexandre Bala. Mas Ptolomeu Philometro, rei do Egypto, sogro d'Alexandre, pretextando auxilial-o contra os Syrios, apoderou-se de toda a Syria até Seleucia, e depois de ter vencido Alexandre Bala, obrigou-o a refugiar-se na Arabia, onde foi o assassinado por Zabdial, facto que é representado na nossa gravura d'este numero.

NECROLOGIA

—Na terça feira 5 do corrente, falleceu, soccorrido com todos os sacramentos da Santa Egreja o nosso presado amigo o snr. Miguel Gonçalves da Silva que por muitos annos foi secretario da administração do bairro oriental, e que ultimamente estava aposentado. Era o illustre finado cunhado do snr. José Fructuoso da Fonseca, proprietario d'este jornal e tio dos snrs. Manoel e Vicente Fructuoso da Fonseca, redactores do nosso presado collega a *Palavra*.

Era o finado um verdadeiro cavalheiro em toda a accepção da palavra, exemplar marido, pae extremoso e cidadão digno da geral consideração, pela sua illustração, piedade e virtudes.

Teve os responsos da sepultura na egreja da Ordem Terceira do Carmo, a que concorreu a elite da sociedade portuensa sendo a armação do templo da casa Alberto Pereira.

Enviamos a expressão sincera das nossas condolencias a toda a illustre familia enluctada, e aos nossos leitores pedimos uma prece por alma do fallecido.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Celebrou-se no dia 3 em Lisboa a solemnidade da collocação das ossadas do grande escriptor Visconde d'Almeida Garret no panteon dos Jeronymos. Houve cortejo civico, em que se encorporaram todas as agremiações litterarias e scientificas, auctoridades, escriptores, artistas etc. O snr. conde de Paçô-Vieira, ministro das obras publicas, representando o governo, proferiu á entrada dos restos mortaes no templo um eloquente discurso, e depois, na ceremonia religiosa recitou o distincto orador sagrado, rev. Padre Francisco Patricio um magistral panegyrico.

— O sr. infante D. Affonso esteve alguns dias n'esta cidade, em quanto passou revista ás diversas baterias de artilheria aquartelladas nas provincias do norte.

—O máo tempo fartou-se de nos flagellar com chuvas, trovões, cyclones, ventanias e saraivadas durante grande parte da quinzena. Cahiram beiraes de telhados, desraizaram-se arvores, partiram se claras boias, viraram-se barcos, voaram guarda-chuvas, n'uma palavra um verdadeiro inverno em pleno mez de maio.

Exterior

O rei Eduardo VII d'Inglaterra, depois de nos visitar em Lisboa, foi a Gibraltar e de lá á Italia, tendo estado ultimamente em Roma. Foi recebido em audiencia particular, por Sua Santidade, no Vaticano, tendo durado a conferencia cerca de meia hora.

—A proposito de Sua Santidade, convem dizer, que a imprensa jacobina tem-se fartado de espalhar que o Chefe da Egreja Catholica está muito fraco, indicando que não pode resistir por muito tempo. Sabe-se, porém, que são exaggeradas taes noticias. Apezar da sua provecta edade, Leão XIII sente-se bem, e nada indica que sejam verdadeiras tam despropositadas noticias.

O que consta com visos de verdade é que o Summo Pontifice mandou fazer o tumulo, porque sabe que não é eterno. E' de excellente marmore de Carrara o moimento de Sua Santidade, devendo ser coroado por um leão, que apoiará uma garra sobre a thiara pontificia. Adornará o mausoleu, alem das armas de Sua Santidade, as estatuas da Fé, da Sagrada Escriptura e da Verdade. Debaixo do leão ler-se-ha a seguinte inscripção, dictada pelo proprio Papa:

Hic Leo XIII P. M.
Pulvis est.

Cuja traducção é:
«Aqui jaz o Summo Pontifice Leão XIII,
E' pó.»

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Fasciculo n.º 83 da *Biblia illustrada*, versão do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, e cuja publiçação é feita na capital.

Continua a receber-se assignaturas na rua de D. Pedro, 116—2.º Porto.

—*Encyclopededia Portugueza Illustrada.*—Recebemos o fasciculo 233 d'este magnifico diccionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 423 artigos e 19 figuras (*Gemieira* a *Geologia*). Entre os artigos principaes, cumpre citar: *Geologia*, do illustre official da nossa marinha de guerra, conselheiro Francisco de Paula Cid.

Continua a assignar-se este valioso diccionario em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.ª, successor, Largo de S. Domingos, 63—1.º, Porto. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26.

ESTUDOS

A Imprensa

1622—As *News*, em Londres;
1631—A *Gazette*, em Paris;
1658—As *Ordinari Zeittungen*, na Allemanha, em Augsburgo.

Estes primeiros jornaes tiveram uma existencia attribulada, por falta de materia prima: a noticia. Alguns pouco se pareciam com os jornaes de hoje; e estes tinham mais analogia com as relações manuscriptas que os reformados, e exilados trocavam entre si e com os pamphletos publicados por occasião das guerras religiosas. Os assumptos religiosos occupavam uma grande parte das primeiras gazetas, o que não admira, se attendermos a que o apparecimento dos jornaes, na Europa, coincidiu com as luctas e dissensões da Reforma. O principal elemento d'esses periodicos eram as noticias que se dirigiam á curiosidade do publico; o jornalismo chegou até a ser um apreciavel ramo de commercio muito do agrado dos banqueiros e especuladores. Quando as noticias de sensação escassearam, quando as guerras tiveram o seu termo e a Europa caminhava para a paz geral, os emprezarios dos periodicos, para não perderem os lucros que auferiam da sua empreza, tiveram a intuição da *blague*, do *canard*, e exploraram essa nova mina, forjando noticias falsas e inventando successos; não se julgue por consequencia que a «grande informação» seja uma doença da nossa epoca.

Muito antes do apparecimento dos jornaes em França, era tal a mania de andar bem informado que os grandes senhores tinham na lista dos seus servos um empregado encarregado de percorrer Pariz á procura de noticias. Além d'isto havia diversos centros onde quem queria se podia informar de graça; um d'esses centros era o jardim do Luxemburgo, onde todas as tardes se reuniam os noticiaristas, ou, antes, os procuradores de noticias, que davam as novas que sabiam a quem lh'as pedia. A' noite estes diligentes corredores, que precederam na historia os nossos *reporters* de hoje, visitavam os cafés publicos e informavam os seus freguezes dos acontecimentos mais notaveis do dia.

A' medida que a esphera dos curiosos se alargou, o trabalho dos noticiaristas multiplicou-se de tal forma que resolveram simplificar os seus serviços, juntando-se todos para a publicação d'um boletim manuscripto de que se tiravam muitas copias que eram vendidas em proveito dos novelleiros. O commercio achou uma applicação pratica a esta invenção e empregou-a nas relações commerciaes; no seculo XVII era rara a provincia franceza que não tinha um *gazetin*, nome dado aquellas relações manuscriptas. Affigurar-se-ha a muitos que a imprensa veio dar um grande impulso e desenvolvimento ao jornalismo, permittindo uma maior publicidade e diffusão; mas é um erro, porque os primeiros jornaes impressos só appareceram 150 annos depois de Guttenberg ter descoberto os typos moveis.

Entre os primitivos jornaes distinguiam-se tres especies que tinham diverso titulo. Chamavam-se *gazetas* ás folhas volantes distribuidas ao publico em certos dias da semana; *jornaes* ás publicações, já impressas, que appareciam todos os mezes, e cujo principal interesse consistia n'uma especie de registro bibliographico onde eram accusadas as novas obras que appareciam no mercado; e *mercurios* aos periodicos que se occupavam apenas das descobertas scientificas, narrações historicas, viagens, etc., e que tinham mais analogia com as revistas actuaes. Estas distincções prevaleceram durante muito tempo; hoje chama-se indistinctamente *jornaes* a todos os periodicos de publicação regular.

A investigação sobre a origem dos jornaes termina aqui. No decorrer das paginas que se seguem estudaremos o seu desenvolvimento, a sua evolução e estado actual. Nas paginas que ahi ficam deprehende-se que não poderiam ter sido mais modestos os inicios d'aquillo, que hoje consideramos como uma das mais perfeitas manifestações da civilisação. As grandes obras, diz o proverbio, teem sempre um principio mesquinho. Mal supporiam os fundadores dos primeiros periodicos que iam dotar a sociedade com o seu mais precioso elemento; que iam lançar na circulação uma nova força, mais poderosa que a dos Cesares, mais efficaz que a da auctoridade e mais util que a dos exercitos!

(Continua).

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

(CONTINUAÇÃO)

Vemos, com effeito, o povo hebreu antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Christo, povo que Deus constituiu como escola de moral, onde todo o mundo aprendesse, vemol-o, digo, feliz e em prosperidade sempre que obedecia á lei, e punha em pratica os seus preceitos, isto é, vivia bem, porque vivia segundo a lei do mundo intellectual; ao contrario experimentava toda a casta de desgraças, quando despresava a lei, e quebrantava os seus preceitos, isto é, vivia mal, porque se apartava da lei moral, ou do mundo intellectual.

E não só o povo hebreu; entre os gentios a historia nos mostra algumas nações, que prosperaram, e se engrandeceram, em quanto as suas leis, habitos, usos e costumes estiveram mais ou menos em harmonia com a lei moral, decaindo progressivamente, á proporção que se afastavam d'ella, até se aniquilarem. São d'isto exemplo os gregos e romanos, os dois povos da antiguidade, cuja historia é mais bem conhecida.

Vem tambem em reforço d'esta prova o estado de decadencia moral e dissolução, em que se acha a sociedade actual; que, por influencia do espirito infernal, tem forcejado, e conseguido, afastar-se dos principios immutaveis da justiça eterna, tendendo a materialisar-se; exemplo, que, com os de todos os tempos, provam a immutabilidade d'esses principios.

Estas considerações, que teem uma applicação collectiva evidente, tem-no tambem individual, visto que, sendo a sociedade composta dos homens, a parte não pode deixar de participar de natureza de todo; alem do que é claro, que é o desequilibrio moral, que se dá nos homens, o que se reflete na sociedade, e envolve a todos na queda. Ha, porém, uma distincção importante a fazer, para que ninguem se engane; e é, que se relativamente ás nações o resultado segue de perto o desequilibro moral, nem sempre acontece o mesmo com respeito aos individuos; pois que não é raro ver muitos homens, que menospresam a lei de Deus, gosarem de prosperidade. A razão é porque a vida do homem não se encerra n'este mundo, e não é da lei da equilibrio moral ser o effeito immediato á causa; podendo ser até tão demorado, que se não experimenta senão no outra vida. Ninguem, portanto, se illuda com a prosperidade dos impios e os infortunios dos justos, porque no dia do julgamento é que se ha de conhecer a differença, que o Senhor faz entre uns e outros; como é claro da seguinte lição de um propheta: «As palavras que vós tendes dito contra mim teem-se multiplicado cada vez mais, diz o Senhor.»

«E dissestes: Que temos nós fallado contra ti? Dissestes: Vão é o que serve a Deus: e que proveito é para nós o termos guardado os seus preceitos, e o havermos andado tristes diante do Senhor dos exercitos? por isso nós chamamos agora ditosos aos homens arrogantes, pois que elles são os que se estabelecem, dizendo só impiedade, e os que tentaram a Deus, e se tiraram de todos os perigos.

«Então fallaram os que temem ao Senhor, cada um com o seu proximo: o Senhor se poz attento, e os ouviu, e na sua presença foi escripto um livro de memoria a favor dos que temem o Senhor, e que consideram no seu Nome.

«E no dia, em que eu hei de obrar, serão elles, diz o Senhor dos exercitos, o meu peculio; e Eu os tratarei benignamente, como um pae trata o seu filho que o ouve.

«E vós mudareis então de sentimento, e vereis que differença ha entre o justo e o impio; e entre o que serve a Deus e o que não o ouve.» (1)

De todo o exposto segue-se: que tendo o homem attributos especiaes, que se não encontram nos seres de qualquer dos ramos, de que se occupam as sciencias naturaes; e sendo regido por leis, que não teem applicação alguma ao mundo material, não póde ser, e é absurdo consideral-o, o ultimo resultado de uma serie de transformações da materia.

3.º O homem foi creado em condições differentes d'aquellas, em que vive na terra, e muito superiores ás mesmas.

Não sendo o homem um ente simplesmente material, e não tendo sido creado nas condições em que vive na terra, como acabamos de ver, seria elle creado em condições superiores a estas? Tudo o que foi creado foi-o para um fim, e com a aptidão necessaria para o satisfazer, mostrando-nos a observação da natureza uma grande regularidade no modo de a exercer, e sendo essas as condições naturaes da sua existencia. Já vimos que nas condições naturaes da existencia do homem como ser intelligente entra a sua ligação com o mundo dos espiritos, e que só vivendo segundo a lei, que parece ser a d'esse mundo, ou a lei moral, póde ter vida regular, e em consequencia satisfazer ao fim para que foi creado. E occupando o mundo espiritual na ordem da creação um logar muito superior ao material, segue-se: que o homem foi creado em condições superiores áquellas, em que vive na terra. (1) E' isto o que diz a razão guiada pelas regras mais seguras do raciocinio.

Vejamos agora se está d'accordo com a fé.

Assim como quando se pretende construir um edificio, se faz primeiro o alicerce, em que se ha de assentar, pensava eu, que quando Deus creou o mundo, em primeiro logar havia de estabelecer a lei fundamental, principio regulador do seu desenvolvimento e actividade; e como a primeira cousa, que Deus fez, foi a luz—faça-se a luz—disse eu: a tal luz deve ser essa lei ou principio. Assim discorria, quando em um periodico religioso deparei com uma lição importante sobre o objecto, o qual me confirmou n'estas ideias; e é como segue:

«A luz de que falla o Genesis, criada no primeiro dia, não tem absolutamente nada com a outra luz effeito do sol, creada no quarto dia: são cousas inteiramente distinctas.

O vocabulo hebraico, o que se dá a significação de luz é ár, que tem outra significação—talume,—e tendendo-se ao verbo de que é derivado, vê-se que este significa: ser lucido, tem a naturesa de luzir; ou importa a ideia da irradiação, de emanação de força geradora e de producção.»

«Esta luz, ou este lume ár, creado no primeiro dia é, segundo um geologo moderno, a alma material do mundo physico, que faz circular a vida vegetal, animal, mineral no seio dos tres reinos: é, continuou elle, o *mens agitat molem* de Virgilio, e o que preside ás affinidades chimicas as aggregações e desaggregações dos corpos: é o principio que domina toda a natureza, e lhe conserva a unidade em uma variedade infinita, e propaga com rapidez instantanea atravez de espaços immensos as commoções, os abalos e as vibrações, que são como a irradiação da vida.» (2)

(1) Malaquias III, 13—16.

(1) Esta superioridade não se entende de natureza, que não mudou, mas sim de condições de vida mais em harmonia, ou inteiramente em harmonia com o fim do homem a que proporcionavam vida feliz.

(2) A Familia, n.º 27.

EXPEDIENTE

Conforme o «Expediente» publicado no nosso numero anterior, mandamos já saques a todos os nossos assignantes em divida.

Esperamos a fineza de sermos attendidos, visto que a sua devolução nos obriga a novas despezas. E, como os saques se referem só ao pagamento d'um anno, não será muito penoso o respectivo pagamento, pois que se sujeitam os devedores remissos a serem privados da leitura do jornal, que, aos devedores de mais d'um anno, será immediatamente supprimido.

De novo recommendamos, que, quando tenham de nos escrever, sobre questões de administração, não se esqueçam de mencionar o numero impresso na cinta do jornal, para mais rapido expediente.

PROGRESSO CATHOLICO

Compram-se os n.os 1, 11, 15, 16 e 19 do ultimo anno d'esta Revista.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, Doutores da Egreja e outros eminentes auctores e coordenadas por

A. L. F.

OBRA APPROVADA E INDULGENCIADA

2.ª EDIÇÃO

Preço, enc. . . **200** reis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

Vertido d'um livro allemão por

Carlos H. Pieper

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com approvação do Ex.mo e Rev.mo Snr. Cardeal D. Americo

3.ª EDIÇÃO—*Augmentada com o «Modo de ouvir missa pelos defunctos»*

Preço, enc. . . **160** reis

Padre Affonso Muzzarelli

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM PARA TODOS OS DIAS

E tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores

Com permissão do Ex.mo e Rev.mo Snr. Cardeal D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço, enc. . . **160** reis

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . **400** reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . .	500 »
Em chagrin, douradas	1$000 »

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.ª O SNR.

ardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc. . . **250** reis
Douradas . . . **500** »

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

Meditações para o seu mês ou para qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvado e indulgenciado pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol, enc., **300** réis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.